



# O Gaiato



**PORTE  
PAGO**

Quinzenário \* 16 de Maio de 1981 \* Ano XXXVIII — N.º 970 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Calvário

A substituição de P.e Baptista (que foi descansar um pouco) proporciona-me um contacto mais íntimo com os nossos Doentes e uma meditação sempre oportuna e, nomeadamente, neste Ano do Deficiente.

De todos os males que os afectam, sem dúvida o mais triste é a deficiência mental. Aqui se pode realizar experimentalmente a verificação da tese que a Filosofia ensina: a Inteligência é a faculdade mais nobre do Homem, aquela em que mais se encontram os vestígios da nossa criação à imagem de Deus. A Vontade é função da Inteligência, de tal modo que, em caso extremo, quem não sabe o que faz, não é responsável pelo seu acto e toda a diminuição de luz emitida pela Inteligência é atenuante da Vontade na imputação dos seus actos.

A sociedade permissiva, a imoralidade reinante, tem aqui o fundamento da sua grande parte de culpa, por exemplo, no alastrar da delinquência

juvenil, na medida em que os conceitos de Verdade, de Bem, aparecem desfocados e favorecem o equívoco dos jovens que acabam por querer o que até nem queriam, se a luz circundante que o mundo dos adultos patenteia, fosse uma luz clara, sem sombras nem manchas propositadas que os interesses criados procuram.

Mas não me quero afastar do Calvário e da lição que mais directamente nos propõe. A primeira é um desafio à nossa Fé. Na verdade, só pelas forças humanas custa a reconhecer como Pessoas aqueles irmãos, total ou quase totalmente carecidos de inteligência, amentes ou deficientes profundos que parecem reduzidos exclusivamente à vida sensitiva. E, no entanto, uma convivência mais continuada vai revelando comportamentos, sobretudo no campo da afectividade, que nos surpreendem. Nós não podemos dizer de nenhum que não sofre nem tem alguma consciência do seu sofrimento. E aqui está um critério do Humano, uma marca da Pessoa: sofrer.

Não pretendo tratar filosoficamente o problema da dor e da morte. Só na economia da Fé se entende o sentido e o valor

do sofrimento. Mas ele é uma realidade essencialmente humana. Podemos, por analogia, predicá-lo dos seres vegetativos ou mesmo dos sensitivos — mas apenas por analogia; que o verbo só nos seres humanos conta o sujeito adequado.

Por isso, ao contrário do que superficialmente pareceria, eu me regozijo na descoberta de sinais de alegria ou de sofrimento, como coordenadas extremas de Humanidade, a confirmar-nos a condição fraterna na espécie daquelas pobres aparências de homem; a assegurar-nos o seu papel activo no plano divino da Salvação; a convidar-nos à réplica, servindo-os, aqui e agora, onde eles nos servem também para a Eternidade.

Outra lição — também ao nível da experiência — é a verdade de que a «Paz que Jesus nos trouxe não é como a que o mundo dá». O Calvário é lugar de Paz.

Saindo do mundo dos amentes para o dos que sofrem conscientemente os seus males, as suas deformações, é uma surpresa bendita encontrar a alegria de viver, a sim-

Cont. na 3.ª página

## Tribuna de Coimbra

Aquela semana foi pródiga em testemunhos de vida.

Assistimos, como primeira testemunha em nome da Igreja e da sociedade portuguesa, à celebração de dois casamentos. Duas novas famílias se constituíram e quiseram-no fazer à Luz da Palavra de Deus e a Deus pediram a Bênção. Procuraram preparar-se, por encontros de formação espiritual e pela oração, para uma nova missão: mensageiros de vida em amor e continuadores de Deus na povoação do mundo, construtores dum mundo melhor.

Quatro encontros com quatro chefes de família. O primeiro encontro foi com um jornalista. Trazia, como companhia, o pai de oitenta anos. Oitenta anos estampados numa vida jovem. Feliz na sua família. O filho falou-me dos seus quatro filhos: dos 21 aos 8 anos. Os cuidados, para que todos continuem a ser cristãos. Todos querem ser uma família cristã.

O segundo encontro foi com uma mãe de oito filhos. Custa-

ram-lhe muito a criar, pois era só o marido a ganhar e o ordenado era modesto. Falou-me da doença do marido que o retém na cama já há muito. Há tempo adquiriu 8 livros «Doutrina», de Pai Américo, para oferecer no dia de aniversário de cada filho. Agora entregou-me sua oferta e disse-me que **lhe basta o amor e a graça de Deus para ser feliz**. No dia seguinte encontrei-me com um dos filhos e demos um grande abraço como sempre.

O terceiro encontro foi com casal que nos procura. **Um casal feliz com seus três filhos**. Veio trazer sua oferta da Páscoa e pedir nossa oração. Tem vindo mais vezes. Tem afirmado sempre sua vida de felicidade na comunhão de vida cristã com os filhos e com os Outros.

O quarto encontro foi com uma viúva de há pouco. Muito doente e com muitas saudades do marido. Quis fazer-nos a sua oferta para nós e para os doentes do Calvário. Criou cinco filhos e, quando se juntam, a casa fica cheia de netos. Mas na vida não contam só os seus. Os Outros também fazem parte da sua partilha. Antes que o Senhor a chame procura-O, pois sabe que as boas obras a acompanham.

Senti-me feliz por estes testemunhos e estes encontros. Estamos tão marcados pela sociedade de consumo, pelos casais que não querem filhos ou querem só um ou dois, pela avareza com que tantas pessoas se agarram ao dinheiro; estamos tão marcados por estas chagas, que esta semana saboreámos melhor a festa da Ressurreição do Senhor, garantia certa da nossa ressurreição.

Padre Horácio

## FESTAS

As Festas do Gaiato são essencialmente um encontro entre a família de dentro e a grande família de fora, que nunca falta. Em todas as terras visitadas o mesmo calor, a mesma alegria.

Há dias estivemos em Coimbra para assistir à Festa da nossa Casa de Miranda do Corvo. Festa que era mensagem de entendimento entre os homens, mensagem que foi recebida e reflectida, com certeza, por todos os que estiveram presentes.

Encontrámo-nos lá com um grupo de rapazes do Tojal, também eles empenhados nos últimos preparativos da sua Festa. Também eles preparam-

Cont. na 4.ª página



A bela piscina da nossa Aldeia, em Paço de Sousa.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Setúbal

**PASCOA** — A nossa Páscoa tem sido, durante anos, uma verdadeira Páscoa: com problemas, com tristezas, alegrias, coisas humanas que o mundo nos traz dia-a-dia.

Quinta-Feira Santa: Descanso de todos esses problemas, revigoramento para outros que há-de vir e que temos de combater.

«Dou-vos um Mandamento Novo: Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei.» Dai-vos, instruí-vos com os outros, repartindo e aceitando. Comungai das dores e alegrias dos outros, e os que têm o dom da Justiça saibam dá-la, e o que a receber, tome-a com humildade, para que quem a distribua não possa exaltar-se.

Tantos verbos e adjectivos que nos saem deste Amor que o Senhor nos ensina e que nós celebramos com mais calor nesta Quinta-Feira Santa!

«Lavai os pés uns aos outros.» Olhai, não espereis os que os têm perfumados, chamaí antes os mais repelentes, os mais sujos, a escória. Lavai-os e beijai-os, porque os mais sujos são os que mais precisam de serem lavados.

Deixai o resto do rebanho a pastar, e ide à procura da cabeça que, se calhar, está à beira dum precipício, ou nas proximidades de lobos esfaimados.

Chamai para a vossa beira e ensinaí os mais incapacitados; aturái-os com paciência e vede nesses, aquilo que vós próprios podereis ser. Esquecei a minha cruz; e vede em toda a vossa, os momentos de ressurreição.

Se me queres ver ressuscitado sai para a rua e enxerga-me em cada pessoa que passa, vê-me nos mais carecidos de afecto e nos mais sofredores. Ai sim: neles está o meu rosto desfigurado.

«Tu amas-me?... Então apascenta o meu rebanho.» Vê lá, não tenhas medo. Ama-os, ensina-os a amar, vai e implanta a Justiça onde ela faltar. Abre os olhos aos que os tiverem tapados, mostra-lhes a Luz e tira-os das trevas.

«Amái-vos uns aos outros como Eu vos amei... Que mais teríamos para dizer desta dávida, se soubéssemos deitar cá para fora o que nos enche a alma pela nossa Fé!

**AMÂNDIO** — Veio chamar-me a casa. No caminho conta que já veio mais um rapaz preto.

Eram quatro e agora são cinco, E ele começa a dizer os nomes.

Este último é o Fernando, de onze anos, natural de Luanda e anda na quarta classe.

**MARINHO** — Na casa-mãe há os quartos de dormir das senhoras, do nosso Padre Acílio e dos mais pequeninos. Tal como na tua casa, eles têm um lugar especial junto do coração dos pais.

Para o atestar, olha o que aconteceu uma noite destas:

Marinho, um dos reis da nossa Casa, levantou-se às tantas da noite e foi ter à cama do sr. Padre Acílio.

— Quero vir prá tua cama. Eu não sei bem o porquê de ele não dormir. Talvez um sonho mau. O que quero registar é o á vontade com que ele, o mais pequenito da Casa, vai procurar aconchêgo na cama do «senhor director»!

Se as nossas Casas não fossem uma família, onde saborearíamos um quadro como este?

**TIPOGRAFIA** — Mais um melhoramento nas nossas oficinas. Foi mais uma máquina para a tipografia. Eu vi-a a trabalhar mas não sei dizer o nome. Sei que despacha muito trabalho.

Perguntei ao Américo Correia e ele disse-me. É mais um valor. É mais um estímulo para os tipógrafos. O trabalho com as máquinas é uma sedução, uma ambição deles. É criador de gosto.

Que o diga o Bernardo que entrou para a carpintaria e furou todas as portas e janelas da casa um.

Ele mesmo me disse: «Quando eu sair e depois vier cá, digo aos outros o que eu fiz cá em Casa». E mais adiante: «Cada um é responsável pela sua obrigação, pois é?» Eles vão sentindo o que deles se espera.

**FESTAS** — Ontem recebi um telefonema do Barreiro. Era um amigo de Cête, agora a viver ali, e que gosta muito e não quer falhar. Mais: mandou guardar dez bilhetes, porque uns amigos também querem vir.

Pelo telefone percebi felicidade. E fiquei feliz.

Ernesto Pinto

## Paço de Sousa

**NINHOS** — Estamos atrapalhados com um problema que se passa em nossa Aldeia! São os ninhos dos passarinhos. Eu mesmo já tenho visto companheiros a lamentarem-se aos nossos Padres, principalmente ao Padre Moura.

É que eles pensam que os passarinhos não sofrem! Nós não vimos, muitas vezes, eles sofrerem...

Quem gostaria que lhe estragasse a própria casa?

Era bom que acabassem com essa tentação, porque, depois, a mãe não quer os filhos nem a casa estragada — onde viviam descansados.



Os «Batatinhas», de Paço de Sousa, na hora mais apetecida...

**LAVOURA** — Já enchemos os nossos silos de erva. Eu não sei se, noutros lados, fazem o mesmo que nós fazemos aqui. O encher dos silos é sempre uma festa!

Temos comida pró gado, para quase todo o ano. É uma farturinha! Graças a Deus.

**FESTAS** — O programa das Festas, continua. Já fomos ao Coliseu duas vezes, com a sala cheia. Já percorremos bastantes terras, com muito entusiasmo.

Os festeiros estão muito contentes com a alegria e amizade que recebem. Acho que, se continuarem assim, conquistarão ainda mais Amigos.

Desejamos boa sorte para o resto das Festas, que estão mesmo no fim. Que a nossa malta leve muita alegria e satisfação a todos os povos das terras que visitam.

«Riri»

## Calvário

**RENUNCIAR** — É muito difícil, hoje em dia, renunciar aos bens sociais. Já não dizemos o mesmo em relação aos bens morais. Estes implicam forças muitas vezes opostas às sociais, embora me digam que não é tanto assim. O bem-estar material estarece. Greves ao vivo, camufladas, etc. Ouvimos e lemos. Não se tem olhado a meios para se atingirem fins. Com ideias de justiça, de bem-estar, etc.; de tudo isso se fala. Mas para o bem moral tem havido pouco na promoção do povo que se deseja livre e consciente. E há pouca disponibilidade e talvez até mais do que isso, falta uma sã educação para que os filhos não aprendam apenas nas escolas a serem homens de amanhã, mas sobretudo nas famílias deixem de haver pais pouco educados e mentalizados para a grave responsabilidade que lhes cabe na educação dos filhos. «Quem dá a quem tem...»

As Casas do Gaiato são prova evidente através dos pedidos e da grande angústia de pais que ainda se vão apercebendo das realidades. Renunciar e deixar correr? Claro que não. Pois também não é com greves que estes assuntos se resolvem. Especialmente hoje, decerto que haverá

pouca gente que pensa que amar é fácil. A todos os níveis. Desde a família até àquela que não é da nossa «cor», tudo implica muita determinação para não haver «guerras» de resultados que se vão verificando com consequências nefastas para a própria estrutura familiar e social.

Ora, no campo que se refere à Obra onde estamos inseridos, é reflexo mais que evidente do quanto a sociedade enferma: falta de segurança em todos os domínios. Porque a Base foi posta de parte. Consequências: aglomeraram-se problemas; obreiros esgotados física e psicologicamente.

A missão que Pai Américo deixou aos Padres da Obra dá Rua é difícil mas nobre. Implica riscos. Um deles é o amarrarem-se demasiadamente... porque deixaram outras do mundo. Mas se o espírito é cheio de doação o corpo cede!...

O esgotamento físico não implica forçosamente renunciar!...

Que haja famílias, instituições e servos dos «sem eira... nem cama para morrerem...» para que a apregoada justiça social não implique renunciar ao bem-estar moral de todos!

**CAMPO SANTO** — «Não sabe quanto bem me fez eu ir passar um bocado de tempo junto do cemitério...» — alguém me dizia.

Eu concordo porque já me tem sucedido o mesmo. Desde que contra o que estava previsto na altura em que foi inaugurado, há 14 anos, na questão de termos ou não cemitério condigno para tantos que da sociedade nunca tiveram — muitos deles! — nada de dignificante, ao menos vieram morrer em camas como muitos nunca tiveram! E, agora, repousam no que nós consideramos Campo Santo. E tem havido quem assim não pense profanando-o com brincadeiras de mau gosto!...

Cosas da tal falta de educação que escrevi...

Manuel Simões

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Porque inseridas no Evangelho, não perdem actualidade as tomadas de posição de vários Bispos, no último Sínodo, em relação à Família — aos Pobres.

Prelado num país rico, Mons. Lebel, do Canadá, referiu largamente a problemática da injustiça e pobreza por todo o mundo:

«Desejamos desenvolver na Igreja uma maior solidariedade com as famílias que sofrem, que são pobres, desprovidas de meios. É mais fácil ignorar o mal que faz sofrer os Outros, sobretudo se eles estão afastados, no aspecto material ou cultural. Esta ignorância é um pecado, não temos o direito de fechar os ouvidos ao grito de apelo.»

E descreve as miseráveis condições de vida de muitas famílias:

«Esta pobreza é a falta de recursos que permitem garantir à família os bens necessários: um alojamento decente e devidamente espaçoso, a alimentação, o vestuário, a segurança,

os cuidados de saúde, o acesso à educação, as distrações.

Esta pobreza que, muitas vezes, é um imenso problema insolúvel, provoca outros problemas que afectam gravemente a vida familiar: a doença, por vezes a morte prematura dos pais e dos filhos, o desentendimento resultante da falta de espaço vital e de meios materiais e o consequente estado de tensão, as deslocações das pessoas e as separações, etc.

As famílias pobres são também aquelas desprovidas de poder, que não se podem fazer ouvir para defender os seus direitos.»

Uma síntese oportuníssima! Não vamos correr o filme de casos que temos em mãos — revelados nesta coluna. Daquela mulher separada do marido, que mal-los filhos jazem amontoados na casa dos avós — e precisam de subsistência e habitação condigna — até àquela Viúva, mal-los filhos também, que esperam pensão de sobrevivência há muitos meses...

Só na subsistência destas duas famílias, dispendem os nossos leitores mais de dez contos mensais!

Não vamos referir mais. Bastaria só esta miséria para motivar tudo e todos a «desenvolver na Igreja uma maior solidariedade com as famílias que sofrem». E sofrem no duro!

● A Viúva com um ror de filhos diminuídos mentais — que já recebeu os retroactivos duma pensão de sobrevivência — aborda-nos hoje, explicando o destino do capital.

Vinha exuberante. Já não é aquela mulher d'olhos profundos, temerosa — martirizada. É uma cidadã promovida, com os pés bem assentes na terra e de espírito forte — como as mulheres da Sagrada Escritura.

«Eu tenho de vir cá... é menos matar soidades... Durante quantos anos mataram a fome a mim e às meus...!?

Mostra uma promissória — «veja se o papel está bem» — e explica outro investimento:

«A casa já foi caiada, q'ela tinha a cor das coibês belhas... A gente precisava também dum quarto de banho, pois toda a gente que passava, via-nos... até q'ando punha os filhos nus, prós lavar... Agora já está fechado com uma portinha!

E continua: — O q'a gente sofreu durante tantos anos!... Tenho de dar muitas graças a Deus!

Voz embargada de comoção, lá foi pró pé dos seus, continuar a sofrer — mais aliviada — o seu longo e doloroso calvário.

**PARTILHA** — Molelinhos (Ton-dela):

«Junto envio 1.000\$00 para as duas Viúvas, tão necessitadas, que V. refere n'«O GAIATO». É pouco para elas, é muito para mim: produto de uns trabalhos de mãos nas horas vagas.

Peço, apenas, me perdoem a insignificância. Gostaria de dar muito mais.



# Partilhando

O apelo que fizemos para ajudar a viúva da Sobreira foi tão bem recebido por tantos dos nossos Amigos que, materialmente, o caso está resolvido. De Norte a Sul foi chegando, dia após dia, a resposta material e espiritual para o problema familiar e social daquela pequenina comunidade de mãe e filhos. Uns deram cem, outros um e todos em sintonia! A inquietação do nosso caso só amainou, quando o saldo ficou positivo. Uma ajuda tão bem orquestrada pelo Autor do Bem, aconteceu assim, ordenada e partilhada:

«Quando leio O GAIATO é como se uma lufada de ar arejasse uma casa fechada. Às vezes até tenho medo de o ler receando não aguentar. Falei a umas amigas e resolvemos depositar umas migalhinhas para partilharmos com essa viúva.»

Aqui, nesta carta amiga, está dito algo de essencial. A atenção que se dá ao Bem areja o espírito. A visão dos males sociais, assusta-nos. Como agir, então? Só partilhando com os Outros! Hoje, amanhã e sempre.

De Paris, uma carta muito simples e profunda:

«Que todos enviem uma lembrança de Justiça a essa nossa irmã. Como o Mundo seria mais belo se todos os cristãos vivessem o Evangelho, como viveram os primeiros cristãos que punham ao serviço da comunidade todos os seus bens materiais e espirituais.»

E a carta continua com outros pensamentos desta Doutrina maravilhosa. A beleza do mundo está no Bem que se faz!... Gente simples.

Mais uma:

«Sabemos o que pode ser a angústia de perder uma casa feita com muito trabalho e amor.» É verdade. É preciso já ter sofrido para dar valor a quem sofre.

Uma pobre reformada:

«Quero dar esta prenda a

bem dos Irmãos mais oprimidos, visto que sou pobre, mas é muito honrado o que dou e com muita alegria.»

Os Pobres devem dar as mãos e com alegria!

De Silves, passando por Lisboa, Coimbra, Porto e indo até Amarante, chegaram-nos mensagens que falam assim:

«Como eu já tenho casa própria, gostaria que todos tivessem.»

«Ecó de caridade senão de justiça...»

«É preciso que a viúva da Sobreira não perca o tecto a que tem direito.»

«Resolvi ir junto de uma parte dos meus vizinhos e arranjei a pequena importância.»

«Também sou viúva e gostava de ajudar mais.»

«Um grupo de senhoras, aqui da Capela dos Navegantes, fez um pedidório pelos amigos.»

«Sou reformada por invalidez, mas sou sózinha; mando este dinheiro e eu sei que é pouco»...

# Calvário

Cont. da 1.ª página

plicidade no aceitar das condições de vida que o Senhor permite, a posição ao serviço dos Outros do que cada um tem de si para dar. São eles mesmos que nos fazem esquecer os seus sofrimentos na naturalidade com que os recebem. Por isso, em cada dia os vamos sentindo mais perfeitamente iguais a nós, os que, por dom de Deus, temos saúde para a gastar na realização dos Seus desígnios. Eles são efectivamente Obreiros em quem se pode confiar tarefas, com quem se conta. Das suas camas ou cadeiras de rodas, eles comandam os que se movimentam e têm algum discernimento. Um dá a cabeça, outros os braços e as pernas. Uma sem olhos, pelas mãos de outra que os tem mas não é capaz de pensar, vão e fazem o que é preciso e está ao seu alcance. Lembra-me o evangélico envio dos Discípulos, dois a dois, porque toda a missão do Mestre é obra de amor e não pode haver amor sem, ao menos, dois que se amem. Toda a verdadeira fecundidade é dependente. Ninguém tem em si, só por si, o poder de criar. Semente e terra para haver fruto. Homem e mulher para haver geração. O sábio que descobre, o inventor que inventa, nunca partiram do zero, mas de descobertas e invenções de outros investigadores que os precederam. Humildade e amor, solidariedade — um caminho de eficiência e de Paz que estes nossos Doentes apontam ao mundo dos entendidos e auto-suficientes.

A solidariedade humana não acabará nunca, enquanto houver Pobres na Terra. Pois eles são os Homens de coração livre... E aqui está o fundamento da solidariedade entre eles.

Há dias fui com o Fernando Dias e mais três pequenitos a casa da nossa viúva. Chegámos ao entardecer. A mãe, ainda no trabalho, tinha os filhinhos todos em casa, à volta da mesa. A cozinheira, de 10 anos, tinha feito um arroz sem mais nada, acompanhado de uma côdea de boroa. E uma disposição saudável, com apetite. Senti a pobreza sem miséria. O que é bom distinguir-se. Percorremos a casa toda, ainda por acabar. Aqui e além, uns pedacitos de alcatifa oferecida a amaciar-nos os pés e a aquecer-nos da frieza de vidas difíceis. Um requinte! Cá fora, um jardim pequenino, enfeitado com uma hortazinha cheia de mimos e árvores de fruto, na encosta de um monte muito árido e bonito. E, até lá, uma subida tão íngreme que não deixa esquecer o lugar daquela casa...

Padre Moura

O que eu não tenho aprendido! No passado fim de semana saíram o Manuel e a Rosa — um a uma festa de família; a outra pela urgência de um pequenino repouso. No pavilhão dos homens, sr. Armando e Zé Artur iam-me dizendo lá dos seus leitões: — «Para fulano só miolo do pão para não se engasgar; para cicrano, pode ir côdea também; para outro comida passada; esse come sopa, aquele não...» E eu cá ia cumprindo as ordens e assim, apesar da minha inexperiência, remediéi. Quarta-feira foi a Festa em Braga. Desafiei a Adelaide para ir também, pois não pudera estar no Coliseu. — Como há-de ser? A Rosa ainda não está... Bem, adianto as coisas e combino com a Dulce...

E tratou. E não consta que ninguém ficasse por tratar naquela tarde, no pavilhão das mulheres, onde Dulce, da sua cadeira de rodas, pontificou.

x x x

A Pessoa, um divino respeito pela Pessoa, imagem de Deus; sobretudo pelas pessoas dos mais pequeninos; na idade, na saúde, nos bens humanos, na consideração social..., com quem Cristo preferiu identificar-Se — eis a paixão obsessiva de Pai Américo.

Podia o Calvário tratar os seus Doentes com muitos meios humanos, tê-los na estante muito desempoeirados e polidos como peças de museu... para se ver. Faria, decerto, uma bela obra de assistência humana. Mas o Espírito soprou e a Obra saiu impregnada de divino: Obra deles, para eles,

# Lar Operário em Lamego

Este apontamento vai sair ainda dentro do tempo Pascal e, por isso, leva a todos saudações festivas.

A grande preparação da Páscoa traz-nos ensinamentos de valor e recorda outros que se vão esquecendo. É um tempo de renúncia. É um tempo de renovação. A Igreja aproveita a oportunidade para insinuar a conversão à pobreza evangélica que é o contrário da ganância, da preocupação exclusiva consigo mesmo... esquecendo os problemas dos Outros. As pessoas não devem existir apenas para possuir e gastar... É de aconselhar a renúncia a alguns bens materiais, ainda que façam falta, para se ser mais pobre e poder ajudar os Outros, mais desfavorecidos, e assim a alegria de todos ser maior.

Será esta doutrina só própria da preparação Pascal? Ou deve ser um esforço de todos os dias?

A oferta espontânea livrava de embaraços a muita gente. A oferta espontânea não obrigava a pedir. É sempre custoso ser mendicante. Há incompreensões; há críticas destrutivas; há quem feche a porta; há quem diga que outros precisam mais; há quem afirme que se pede e se gasta mal; há quem não goste que se peça a pessoas da

mesma família; há quem diga: «eu já dei, não incomode mais ninguém»; há quem fique desobrigado com um pequeno donativo, afirmando, sem bases, que outros certamente também vão dar. Apesar disto, Pai Américo no «fundamento da Obra» afirma que os possuidores do seu espírito têm de ser mendicantes e têm de receber tanto o sim como o não. Adverte contra a tentação do pecúlio e quer que se fomente «na alma do rapaz o amor ao Pobre, como complemento necessário da sua educação religiosa». Quer sejam eles a distribuir parte das esmolas que os fiéis lhes dão. Quer que se dê ao rapaz a iniciativa total da santa e doce tarefa de repartir.

Nós agradecemos algumas amêndoas recebidas nesta ocasião e que se transformaram em pão para os rapazes do Lar de S. Domingos e em materiais de construção para o Jardim Infantil de Samodães. Isto, porém, não nos liberta de continuarmos a pedir. Temos de bater às portas, na esperança de que se abram os corações mais que as bolsas, para ser possível a conclusão da obra, ainda que no final digamos como Pai Américo: «Suei sangue. Sei o que é ser mártir».

Padre Duarte

# Novos Assinantes de «O GAIATO»

Além da frutuosa colheita do nosso Padre Carlos — em permanentes andanças dominicais por comunidades cristãs da zona suburbana do Porto — temos continuado a receber muitos assinantes novos de todo o País.

São presenças exuberantes. Almas que se comunicam. E há, mesmo, alguns Amigos que, na rua ou no trabalho, no lar ou noutros locais, são bandeiras desfraldadas em prol de O GAIATO. Um por outro até chegam com listas de pessoas — que aceitaram receber o jornal inteiramente motivados. E é o que interessa.

De Bragança, por exemplo, velha amiga da Obra da Rua, com vinte deles na mão, sublinha: «Todos aceitaram.»

por eles. E por isso não é para se ver, mas para fazer pensar aqueles que, não precisando dela, têm, nos que precisam e a constituem, uma interpeleção com certeza necessária ou muito conveniente ao bem das suas almas. Até nós que julgávamos já ter visto tudo, todos os dias tiramos deste «tesouro» coisas novas!

Padre Carlos

Mais. No seio das famílias há pais que inscrevem os filhos — e avós os netos. Aqui e ali, d'alma aberta, outros referem o gosto, o interesse, a devoção dos novos leitores pel'O GAIATO.

Alvide:

«Hoje tenho a alegria de pedir para mandarem O GAIATO a uma nova assinante, que sendo de condição modesta é das que se podem chamar boas, pois tenho a certeza que além de o ler de ponta a ponta, fará do «Famoso» grande propaganda.»

Mem Martins:

«Com a alegria de sempre que envio mais uma nova assinante — interessada na vossa Obra. «Grão a grão enche a galinha o papo»...»

Continuarei a difundir o nosso jornal, sempre com empenho e amizade, certa de que o Bem é para todos. Talvez mais nosso do que vosso...»

Senhora da capital — «não sei bem a quem me dirigir», afirma — pede O GAIATO e acentua: «Pena é que a maior parte de nós não quebrems

Cont. na 4.ª página

Rezem um Pai-Nosso pelo repouso eterno dos meus entes queridos.»

Carvalhosas (Coimbra):

«Este pequeno óbulo que envio (500\$00), é fruto da renúncia à bica e ao bagaço durante a Quaresma/81.»

Tipógrafo durante cerca de 36 anos, a doença obrigou-me a uma reforma precoce, quando devia ter mais vagar para ler... Mas o «Famoso» e os livros de Pai Américo são lidos de fio a pavio e são os meus livros de meditação cristã.

É aí que eu vejo as necessidades de tantos irmãos. Por isso, de vez em quando, até nos faz bem sacrificar-nos...»

Assinante 8492, 400\$00 mais 200\$00. Medicamentos do Bombarral. Alexandrino, 1.000\$00 «para melhor Páscoa numa família pobre.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

# AQUI LISBOA!

# NOTAS da QUINZENA

● O ataque satânico, revestindo os mais diversos matizes, dirigido ao matrimónio cristão, tem de encontrar os discípulos de Cristo prevenidos e atentos. A família que não funciona ou se desagrega deixa de realizar a sua própria missão, participativa e testemunhante do amor de Deus, frustrando o chamamento ou a vocação a que um homem e uma mulher concretos são chamados a realizar e que deve, natural e comumente, desabrochar em continuada realização pessoal, a dois, e frutificar na grande riqueza dos filhos.

Em nome dum pragmatismo vazio de valores e dum falso progressismo, que é antes um retrocesso, faz-se descaradamente a apologia do divórcio e de uniões de circunstância, ao sabor dos caprichos ou das conveniências de momento, no mais absurdo esquecimento da palavra dada e das obrigações contraídas. Ler na Imprensa ou ouvir na Televisão que o Papa é conservador porque em nome

dos princípios mais sagrados, claramente expressos por Cristo ou no ensino dos Apóstolos, se opõe ao divórcio e ao aborto, por exemplo, para lá do mais, revela crassa ignorância da doutrina cristã («não separe o homem o que Deus uniu» e «não matarás») ou um materialismo atroz, onde já não há lugar para a mais recôndita sensibilidade espiritual.

Segundo o Bispo de Lorena, a família tem de ser encarada pelos cristãos em três níveis distintos, mas inseparáveis: o antropológico, o ético e o sacramental. Só assim o matrimónio será considerado no seu todo.

O valor jurídico do matrimónio flui necessariamente daqueles três aspectos e se encerra neles. Quer dizer, a família, ou melhor dizendo, o matrimónio é uma instituição jurídica por causa daqueles três valores citados. Foram estes, aliás, os pressupostos que levaram todas as Constituições e leis a assu- mir o matrimónio, a dar-lhe

um carácter institucional e a proporem medidas de protecção e de defesa adequadas. É próprio, pois, na altura em que se visa destruir a própria forma institucional, analisar aqueles valores primaciais, para denunciar o erro basililar cometido, com consequências trágicas na estrutura e na sedimentação sociais, como na educação dos filhos e da juventude em geral.

Na génese da família e do matrimónio está o valor antropológico ou, por outras palavras, tudo o que se refere ao próprio homem, à sua manutenção, à sua defesa, à sua vida, à sua formação e ao seu bem-estar total, enquanto ser individual e social, enquanto pessoa e razão de ser de todas as relações com o universo e os seus semelhantes.

A família é o ambiente natural onde se vê a luz do dia, se cresce e se educa. Por isso ela é uma exigência intrínseca e basililar da vida do homem. O matrimónio, ponto de partida da vida familiar é, pois, condição para que a criatura exista em seu total crescer e evoluir, não só debaixo do ponto de vista biológico, como nos planos psicológico, afectivo e religioso, isto é, de modo integral.

Pode o homem nascer biologicamente, de maneira fortuita ou irresponsável, como tantas vezes apalpamos nas Casas do Gaiato. Todavia, nascer e crescer em toda a plenitude existencial, como pessoa ou personalidade susceptível de viver em plenitude, psicológica e afectivamente, só pode suceder no matrimónio que se traduz em família. Infelizmente, para nós todos, isso é tão indubitável, que nos leva, se não a perder a perseverança no nosso trabalho específico, a concluir pesadamente que as Casas do Gaiato são um mal menor e um triste remedeio, porque só em família é naturalmente possível formar e educar capazmente.

Continuaremos oportunamente, analisando os outros aspectos enunciados e concretizando com a nossa experiência as razões do seu conteúdo.

● Dizemos muitas vezes que não somos dignos de beijar o chão que pisamos. É que, testemunhas de coisas tão grandes e tão belas que transcendem infinitamente o que somos ou podemos fazer, o contrário daquilo que as pessoas, na sua estima, tantas vezes pensam, nos sentimos pequeninos ante aquilo que vemos ou de que temos de ser, por inerência, «simples intermediários», para utilizar expressão de Amigo da Obra. Foi assim esta Páscoa. Louvado seja Deus!

Se nos é permitido, porém, destacarmos a presença de um dos nossos, que daqui saíu há uns quinze anos, e nos veio discretamente trazer, sem deixar morada ou qualquer referência localizadora, um envelope cheio de notas, entre as quais a primeira de cinco contos que nos passou pelas mãos. Mais que o valor material im-

□ Guardei sempre viva a imagem dum amigo Búlgaro, director duma cooperativa. Semblante tão triste e sem esperança no olhar!

«Durante a semana — trabalho, trabalho... Ao sábado — bebo, bebo... E na segunda, outra vez trabalho.»

A ansia e angústia com que me confesso o desejo de ter esperança!

O trabalho é obrigação e o vinho um escape. Sente que toda a sua vida a nada conduz... Não tem caminho!

Um caminho que conduzi-se à praia! A um bosque de pássaros! A um jardim de flores!

Mas... descobri que, no fundo, a sua ansia é maior. Ele tem sede do «Reino». Queria ter esperança no seu coração.

□ A outro meu amigo deu uma trombose. Ficou meio paralisado, mas completamente lúcido. Não tem bens, só o suficiente para viverem ele e a esposa.

Não há lágrimas naquele rosto! Aceitou a dor!

Com que alegria ele nos beijou — a mim e a um vicentino!

Saiu de si próprio e confia no Mistério de Cristo.

Teve a coragem de ancorar o seu barco na profundidade

do amor e da esperança. Crê na Eternidade!

□ Conheci, lá longe, o camarada V. Foi perseguido no seu país por ter ideias diferentes do comum dos cidadãos e do Estado soberano. Acossado, teve que fugir. Que pena estamos ainda tão longe do estádio onde reine a estima e a compreensão entre todos!

Ficámos amigos desde o primeiro momento. Ele, militante comunista, e sem qualquer crença; eu, militante cristão e sacerdote.

Tem o olhar doce e sua fisionomia irradia ternura e amizade.

Nunca falámos de nossas ideias e os dois nos esforçamos por fazer o maior bem aos Outros.

Um dia (como guardei a imagem triste de seu rosto naquele momento!), ele me perguntou:

— «Tem esperança nas promessas de Deus?»

— Todas as promessas de Deus são um sim em Jesus Cristo. A esperança é uma porta que ninguém pode fechar aos cristãos — respondi.

Sei que o Senhor espera este meu amigo nalgum ponto da terra, para o conduzir pela mão a uma linda praia, onde existe a esperança noutras praias para além dos mares!

Padre Telmo

## FESTAS

Cont. da 1.ª página

do o encontro com todos os Amigos que acorrerão ao Monumental, na manhã de 10 de Maio.

Na Casa do Gaiato de Setúbal também é hora dos últimos retoques no programa, que será o pretexto do abraço que querem levar aos Amigos do Sul do Tejo.

A segunda Festa no Coliseu do Porto aconteceu na manhã do passado domingo. Casa cheia e alegre a condizer com um lindo dia de Primavera.

Portanto, amigos leitores, atenção ao programa que segue estas linhas; aqui fica marcado o encontro que com certeza não quererão deixar de concretizar.

Padre Abel

### ZONA NORTE

MAIO

30, às 21,30 h — Salão Paroquial — ALFENA (Ermesinde)

### ZONA CENTRO

MAIO

23, às 21,30 h — Salão dos Bombeiros CANTANHEDE

24, às 15,30 h — Teatro Alves Coelho ARGANIL

29, às 21,30 h — Teatro José Lúcio da Silva LEIRIA

JUNHO

5, às 21,30 h — Cine-Teatro Império - LOUSA

6 " " " — Teatro de ANADIA

13 " " " — Cine-Teatro Messias MEALHADA

### ZONA SUL

MAIO

16, às 15,30 h — Cine dos Bombeiros Voluntários — LOURES

Bilhetes à venda nos locais do costume.

## Novos Assinantes de «O GAIATO»

Cont. da 3.ª página

a indolência em que estamos e não nos tornemos todos assinantes...»

porta o valor intrínseco do acto e, como partilha, aqui o deixamos em singelo relato. Só Pai Américo tem engenho e arte para bem contar o acontecido, no contexto das pessoas e das circunstâncias.

FESTAS — Quando este número de O GAIATO acontecer estaremos nos últimos preparativos.

A procura de bilhetes tem aumentado, pelo que se antevê, como sempre, uma grande confraternização de Amigos.

Padre Luiz

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Chefe de Redacção: Júlio Mendes